A TRAJETÓRIA DAS "DESAFORADAS" E DAS "DINOSSAURAS" DA METEMÁTICA: DISPUTAS E RESISTÊNCIAS SIMBÓLICAS DE PROFESSORAS EM FASE DE APOSENTADORIA

Elisângela Soares Ribeiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9848-7301
Endereço eletrônico: elysangelaribeiro@gmail.com

Talamira Taita Rodrigues Bispo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5796-3970
Endereço eletrônico: talamira@uesb.edu.br

Palavras-chave: memória; discurso, poder, resistência, aposentadoria docente.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história do trabalho docente, a carreira docente esteve e é permeada por desafios, já afirmado por autoras/es como Gatti et al (2009), Souza e Fonseca (2024). Este grupo de profissionais se destacam pela desvalorização profissional, negação de direitos (direitos à aposentadoria, direito à remuneração adequada, direito à licença saúde, dentre outros), e a invisibilidade da mulher no mercado de trabalho – se comprado a outros grupos de profissionais.

Para as professoras de Matemática da Educação Básica de uma rede pública no interior da Bahia, configura-se como um campo de forças tensionado por interdiscursos de (des) valorização e práticas veladas de invisibilidade. Neste cenário, o percurso que conduz à inatividade não é um rito de passagens tranquilas, mas, um evento marcado por silenciamentos.

E, considerando esta última afirmação, que apresentamos alguns resultados e discussões parciais de um estudo de tese em andamento que tem como objetivo apresen-

tar as memórias de professoras de matemática da educação básica, em fase de aposentadoria. Para este momento, nos concentraremos no objetivo de analisar as disputas simbólicas que atravessam a tríade vida-formação-trabalho das docentes, valorizando a análise do discurso, da memória e do poder que envolve a carreira. A pesquisa justifica-se pela necessidade de romper o "apagamento" institucional de ignorar as necessidades de direitos das professoras.

METODOLOGIA

A investigação adota uma abordagem qualitativa fundamentada na História Oral Temática (HOT) de Thompson (1992), apresentada pela materialidade significante que permite confrontar as versões hegemônicas entre os discursos das professoras e a posição da gestão pública.

Os discursos foram promovidos por meio da entrevista tematizada que "se expressa como dimensão da memória enunciada verbalmente (Meihy; Seawright, 2020, p. 69).", além de valorizar a carga da subjetividade. Até esta fase da pesquisa, participaram três professoras e uma dirigente sindical, todas em transição à aposentadoria. Os depoimentos foram analisados sob a perspectiva da Análise do Discurso, focando em "posições-sujeito" e "efeitos de sentido". A pesquisa seguiu os preceitos éticos rigorosos, aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), CEP nº 7.891.285.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discurso institucional, adoecimento e o "presídio" da espera

O trabalho docente, na perspectiva de Nóvoa (2000) e Tardif (2013), é compreendido como uma prática em que a identidade profissional é indissociável da dimensão pessoal, de modo que a trajetória entre vida-formação-trabalho se funde na construção do ser professor. A análise dos depoimentos revela que as doenças não são eventos fortuitos, mas marcas do processo de trabalho no corpo feminino que fazem

parte de uma história de três décadas permeada por lutas e resistências.

No quadro representativo abaixo, tratamos sobre as principais marcas na saúde deixadas pelo processo de trabalho e que pelos discursos demonstram a resistência das professoras em manter-se na carreira até a fase de aposentadoria.

Quadro 1: Marcas do Trabalho no Corpo das professoras

Docente	Marcas do Trabalho no Corpo (Materialidades do Adoecimento)
Josineri	Exaustão extrema, instabilidade emocional e estresse severo por superlotação (salas com 40 alunos) (Entrevista J. S. S, 24/05/2026).
Glória	Tendinite calcificada em ambos os ombros; afastamento definitivo por dor crônica e perda de mobilidade (Entrevista MG A. M, 17/03/2026).
Josenilda	Câncer de tireoide, asma crônica por insalubridade escolar, calos nas cordas vocais (tendo que escolher entre a cirurgia vocal ou a do câncer), desligamento de tendão e cistos nos joelhos (Entrevista J. S. F, 26/03/2026).
Ângela	Surtos de fibromialgia, síndrome do pânico e depressão como sintomas coletivos da categoria (Entrevista A. M. S, 30/04/2026).

Fonte: Construído pelas autoras com base nas entrevistas

O adoecimento da classe docente é um fator que tem limitado o desempenho das professoras em suas atividades laborais. Doenças como a fibromialgia e depressão são tidos como "cansaço da idade" e não como resultado de décadas de salas superlotadas e infraestrutura precária que precisa ser respeitada.

Frente a essa mesma realidade, a "Violência Simbólica" atinge seu ápice na transição para a inatividade. Glória e Josenilda aguardam há 7 anos no Instituto de Previdência de Jequié (IPREJ), descrevendo o período como um "presídio" da espera e cita "É como se tivesse num presídio. Ali chega 30, 31, 32, a pessoa continua ali. Não porque queira, mas porque se ficar em casa o salário é descontado (Entrevista J. S. F, 26/03/2026)." Esta metáfora representa um potencial retirada de direito que mesmo com a saúde debilitada não está livre de seu ofício pela ausência do ato oficial. Esse encarceramento simbólico onde o referido município utiliza o silêncio administrativo para gerir a adaptação fiscal têm causado desajustes na condição psicológica das professoras.

Também, surge o discurso sobre a ineficiência das gestões desde prefeitos anti-

gos até o atual. A falta de organização administrativa e de responsabilidade com os recursos humanos resultou na supressão de outro direito adquirido pela Lei N.º 1.613/2004, a exemplo da Regência, com perdas entre R$ 2.000,00 a R$ 4.000,00. Este empobrecimento, intencional por parte das gestões, não foi planejado por quem exerce a docência é um golpe na subjetividade de quem dedicou três décadas à formação da educação de cidadãos jequieenses.

Resistência e luta sindical: entre a descrença e o engajamento

A Associação dos/as Professores/as Licenciados/as do Brasil (APLB) de Jequié emerge como o "escudo coletivo" para as professoras. Na fala de Ângela surge um contra-discurso que desafia a versão oficial de poder quando fala, "Sem o sindicato, coitada dessa categoria (Entrevista A. M. S, 29/04/2026). A junção de forças entre o sindicato e a categoria de professores faz-se necessário frente à tentativa de enquadrar a previdência sob lógica do mercado capitalista.

A resistência, porém, acontece quando a classe toma para si os rótulos negativos e os transforma em motivos de luta. Ângela relata que ela e a presidente da APLB foram rotuladas pela gestão como "desaforadas". Em um gesto de resistência política, o sindicato assumiu o termo como um distintivo de honra. As "desaforadas" enfrentaram o desrespeito de gestores e a opressão de setores conservadores da Câmara de vereadores, vencendo a disputa técnica do novo Plano de Carreira vigente em 2026.

O dispositivo da fila do IPREJ, que configura na espera de mais de professores em fase de aposentadoria, é um dispositivo de poder. Neste sentido, o IPREJ deixou de ser autarquia autônoma para tornar-se apêndice do município. Pelas atitudes da gestão o mais importante está no entendimento sobre a concessão de direitos do que no cumprimento do previsto em lei. Essa concepção vem ignorando e estendendo o tempo previsto pela constituição na concessão aos direitos de professores e professoras.

CONCLUSÕES

Tendo em vista a análise de parte de memórias de professoras de Matemática, em fase de aposentadoria, no município de Jequié-BA, encontramos disputas simbólicas e focos de resistências que configuram a luta pela concessão de direitos no encerramento da carreira docente.

As memórias das professoras Josineri (2026), Glória (2026), Josenilda (2026), e Ângela (2026) não se constituem apenas registros de um passado. São materialidades discursivas que denunciam a violência do presente. Neste sentido, lembrar tornar-se um ato político de resistência contra o apagamento. O "presídio da espera" no IPREJ e as marcas nos ombros e gargantas dessas mulheres são as provas de uma disputa simbólica onde o município tenta apagar o sujeito-professora ao final de sua utilidade produtiva. O silenciamento administrativo, aqui compreendido como um dispositivo de poder, tenta naturalizar o desgaste físico e a morosidade na concessão de direitos previdenciários, a exemplo da aposentadoria.

É urgente que as políticas públicas de Jequié transcendam a reforma estética de escolas modelo e enfrentem o passivo humano do respeito aos direitos. A trajetória das "desaforadas" e das "dinossauras", como são denominadas pelos agentes políticos, prova que a resistência docente é o que garante, em última instância, a própria sobrevivência da Educação Pública Básica frente ao descaso administrativo.

REFERÊNCIAS

GATTI, Bernadete Angelina; et al. **Atratividade da carreira docente no Brasil**. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 2009. Relatório de pesquisa. Disponível em: https://share.google/pmVVYkAihst2AcGvH. Acesso em: 05 outubro. 2024.

JEQUIÉ. **Lei nº 1.613/2004**. Plano de Cargos e Remuneração do Magistério. Jequié: Câmara Municipal, 2004.

MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas:** história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

SOUZA, Maria Celeste R. F; FONSECA, Maria da Conceição F. R**. Relações de gênero, educação matemática e discurso**: enunciados sobre mulheres, homens e matemática. 2.ed. Belo Horizonte, MG. Autêntica Editora, 2024.

TARDIF, M. **O trabalho docente:** elementos para uma teoria da docência. Petrópolis: Vozes, 2013.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.